



Trabalho, Infância e Controle a partir dos Meninos Jornaleiros em Curitiba (passagem do século XIX ao XX)

OTÁVIO AUGUSTO GANZERT WEINHARDT*

1. INTRODUÇÃO

A virada do século XIX ao XX constituiu um período de intensas transformações no país. Ainda no final do XIX, a alternância do regime monárquico para o republicano, a completa proibição do trabalho escravo, a consequente vinda massiva de imigrantes europeus, entre outros fatores, contribuíram para que, ao menos no plano teórico, a sociedade brasileira se alterasse sensivelmente. O objetivo deste texto é apresentar ao leitor uma personagem coadjuvante, mas de forte presença nos espaços urbanos daquela sociedade em mudança: a criança vendedora de jornal. Para tanto, é fundamental trazer à tona rapidamente duas temáticas necessárias à compreensão desses meninos trabalhadores; justamente, a história da infância e a do trabalho.

A criança tornou-se objeto de estudo, mas, mais do que isso, elemento explicativo das sociedades ocidentais a partir da obra pioneira de Philippe ARIÈS (1981) sobre a história da infância e da família. Ariès torna claro que o conceito de infância não é algo fixo no tempo, mas uma construção a partir de determinado momento da história e que passa por uma série de alterações. Em outras palavras, a criança precisa ser compreendida em sua alteridade.

No Brasil, a criança só ganhou importância enquanto tal a partir de meados do século XIX (TRINDADE, 1998, p. 188). Somente então é que se percebeu nela um indivíduo distinto, que tem necessidades próprias à idade, merecendo atenção e cuidados para além do plano biológico. Já no final do século, o Estado passou a assumir responsabilidades perante a infância, antes exclusivas da família e da Igreja. Conta desse período, por exemplo, a obrigatoriedade do ensino escolar básico (GOUVÊA, 2007, p. 138), que, mais do que simplesmente ensinar as crianças a ler e fazer contas, abarcava um papel moralizador e civilizador, ao passo que desqualificava a família (notadamente a pobre) para tal função (GOUVÊA, 2007, p. 126).



* Graduado em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestrando em Direito e em História pela mesma instituição. Bolsista CNPq.

Se, por um lado, as crianças ganharam visibilidade, por outro, essa visibilidade ainda era parcial e não havia alcançado todas as dimensões da vida delas, como a esfera do trabalho. A noção de *trabalho infantil* ainda não existia¹; pelo contrário, as crianças pobres laboravam desde muito cedo. O trabalho era tido como um modo de afastá-los da vagabundagem e da delinquência, podendo iniciar a partir dos 5 anos de idade (RIZZINI, 1999, p. 382).

A crise do escravismo e a concomitante vinda massiva de imigrantes para o país causou fortes mudanças no mundo do trabalho. Para José Murilo de CARVALHO (2002, p. 17), o fim da escravidão foi a única grande mudança entre o Império e a Primeira República sob o aspecto do progresso e da cidadania. Essa passagem exigiu uma reformulação do conceito de trabalho, atribuindo-lhe uma carga positiva que estimulasse o empregado livre a vender sua mão-de-obra com esmero e disciplina (CHALHOUB, 2002, p. 48-9). E as crianças também não estavam livres dessa lógica.

Ainda que o ensino obrigatório tivesse sido instituído nas províncias durante as décadas finais do XIX (na Província do Paraná desde 1874, através da Lei n. 381, de 6 de abril), as crianças pobres muitas vezes não frequentavam a escola ou eram retiradas dela porque os pais não podiam abrir mão de sua ajuda nos trabalhos domésticos ou mesmo no sustento da casa (GOUVÊA, 2007, p. 137). E, se para a família era essencial que as crianças trabalhassem, para o Estado também era desejável, já que o combate à ociosidade estava na ordem do dia.

Nesse contexto, encontram-se os pequenos vendedores de jornal. Busca-se aqui apontar algumas descobertas acerca da trajetória desses meninos² na cidade de Curitiba, indo dos anos finais do século XIX às duas primeiras décadas do XX. As principais fontes para a pesquisa são justamente os jornais do período.

2. AS PERNAS DO JORNAL

2.1. Curitiba, a modernidade e os jornais

¹ Evita-se, nesse trabalho, a utilização da expressão *trabalho infantil*, justamente para evitar uma leitura anacrônica a partir da carga axiológica que o enunciado recebe atualmente.

² Da investigação das fontes emergiram apenas crianças do sexo masculino enquanto vendedoras de jornal.



O desenvolvimento da cultura da erva-mate em Curitiba, no final do século XIX, fez com que ascendesse uma nova elite burguesa e propiciou uma reformulação urbanística na cidade. A capital dos paranaenses, ainda precária, ganhou, assim, um aspecto de metrópole (LOPES PEREIRA, 2009, p. 39). Essas transformações profundas do espaço urbano também vieram acompanhadas de fortes elementos europeizantes, que alteraram as formas de sociabilidade local (LOPES PEREIRA, 2009, p. 12).

Também nesse período, a produção e circulação de jornais locais aumentou consideravelmente. Como apontado por Luís Fernando LOPES PEREIRA (2009, p. 67), da proclamação da República até 1907, mais de 200 periódicos foram editados em Curitiba (embora a maior parte deles tenha tido uma existência curta). Nesse momento, o jornal *A República* tornou-se o principal veículo das comunicações oficiais do Estado. Em 1899, por sua vez, surgiu o *Diário da Tarde*, que viria a ser o periódico de maior circulação do Paraná (LOPES PEREIRA, 2009, p. 69). Eram esses os dois principais jornais no período proposto e ambos se utilizavam do trabalho das crianças para vender e entregar suas edições, prática muito comum e que iria perdurar por um bom tempo.

Evidentemente, essa não era a única categoria de emprego de crianças no mundo do trabalho urbano. Judith TRINDADE (1998, p. 154) mostra como elas eram procuradas para trabalhos variados, como vender pães na rua ou vender balas; ofertas anunciadas pelo próprio *A República*. De volta aos jornais, vê-se que esses meninos foram seu principal meio de distribuição, até sua paulatina perda de espaço para as bancas, presentes ainda hoje (CHAGAS, 2013, p. 28).

2.2. Os vendedores no centro do cotidiano urbano

Sem dúvida, a imagem dos *newsboys*³ nos Estados Unidos, com seus gritos de “Extra! Extra!”, cruza a linha do Equador e pausa, de algum modo, em terras brasileiras. Esses meninos, que enchiam as ruas das metrópoles estadunidenses (e também europeias), possuíam algumas características marcantes que podem, do mesmo modo, ser enxergadas na realidade brasileira: eram cheios de energia, carismáticos, independentes, engenhosos, autossuficientes. Viviam pelas ruas (embora costumassem ter família e contribuir para o sustento da casa). Geralmente andavam maltrapilhos (CHAGAS, 2013, p. 130).

³ Expressão na língua inglesa que designa esses menores vendedores de jornal.



Em um mundo de adultos, a presença forte de crianças nas ruas, fazendo delas seu “espaço de trabalho, divertimento, peraltices, jogos e brincadeiras” (FRAGA FILHO, p. 111) era vista com cautela. Especialmente as pobres, advindas de famílias desorganizadas, consideradas imorais pelas autoridades, de linguagem inapropriada, aparência descuidada e pouca instrução (RIZZINI, 1993, p. 96) estavam constantemente sujeitas aos olhares do aparato policial e um pequeno descuido podia colocá-los em problemas. Os vendedores de jornal não preenchiam um dos principais requisitos para o controle policial – a ociosidade⁴ –, mas frequentemente se viam no centro de confusões e pequenos desvios.

Um fator a ser destacado é que ambos os jornais estudados, a edição diária era lançada no final da tarde, o que fazia com que os pequenos entrassem em ação no início da noite, tornando o trabalho mais arriscado. Das notícias analisadas, foram encontrados dois casos de atropelamento de menores vendedores enquanto trabalhavam: um primeiro às 19h (DIÁRIO DA TARDE, 16 de agosto de 1900, p. 2) e outro às 20h (DIÁRIO DA TARDE, 30 de janeiro de 1901, p. 2). Mas o trabalho não era arriscado somente pelo perigo de atropelamento, como também pelo contato com o submundo dos adultos.

Segundo Viktor CHAGAS (2013, p. 127-8), era comum que eles acabassem gastando parte de seus ganhos com o tabaco e álcool em espaços próprios da vida noturna. Nesse mesmo sentido, SIMILI (2008, p. 96) destaca que, embora o trabalho dos meninos fosse considerado importante, ajudando muitas vezes na economia familiar, eles viviam em um meio perigoso, sujeitos a vícios e pequenos delitos. Por causa do trabalho, acabavam não frequentando a escola e podiam acabar sendo tratados como delinquentes.

Era essa a impressão que tinha o Chefe de Polícia da Corte em 1881, Ovídio Fernando Crigo de Loureiro, segundo o qual esses menores, “que, aparentemente, vivem da indústria de vender Gazetas, engraxar botas ou tocar instrumentos de musica, dão-se na realidade á pratica de pequenos delictos e de atos immoraes” (RELATÓRIO do Chefe de Polícia da Corte, 1882, p.7).

Dos conflitos que protagonizavam, eram comuns as brigas entre vendedores, tanto do mesmo jornal, quanto de um jornal e outro, muitas vezes pela disputa de espaço nas vendas:

Francisco Solano Lopes, não julguem os leitores que seja o finado dictador do Paraguay, mas um individuo de igual nome, porem que de valente não tem nada,

⁴ Como parte da construção dessa ética de trabalho da qual se falou anteriormente, condutas antitéticas a ela eram prontamente coibidas pelo aparato policial. Isso inclui mendigos, vadios, prostitutas e também crianças e adolescentes considerados delinquentes ou na iminência de delinquir. TRINDADE, Judith. *Op. Cit.*, p. 175.



hontem á tarde deu um escandalo na rua 15 de Novembro, defronte a “vitrine” do “Diário”.

Solano, exerce o mistér de vendedor de jornaes, é um marmanjo, que por qualquer migalha tem fortes rixas e as vezes brigas com os pequenos vendedores dos vespertinos desta capital. Mas, ontem a tarde o Solano deitou valentia, dando, por pequeno motivo forte bofetada em um moleque menor, que tivera uma discussão consigo por causa de vender um jornal a um dos seus freguezes.

A policia que estava posta e assistio o fato levou o Solano com todo seu ar de “valente” para o xadrez do posto central (A REPÚBLICA, 9 de dezembro de 1908, p. 2).

Noutras vezes, os pequenos vendedores se envolviam brigas com outras crianças e jovens, tanto do mesmo estrato social quanto de classes abastadas. É difícil apontar os motivos, mas pode-se conjecturar que as brigas com meninos pobres fossem respaldadas pelas tensões do convívio e da sobrevivência nas ruas. Já os meninos ricos mais provavelmente dirigissem provocações aos pequenos maltrapilhos.

Hontem, quando se ralisava um leilão em uma casa da rua 15 de Novembro, vimos diversos moços que se deviam presar, attendendo o logar que occupam na sociedade, transformados em garotos perversos, commettendo actos por todos os modos reprovaveis.

Quando por ali passava qualquer menino vendedor de jornaes, era chamado por um dos do grupo, e, uma vez chegado o pequeno vendedor, saltavam-lhe em cima a bofetões e pontapés, maltratando-o com a mais revoltante covardia.

Alguns dos meninos que soffreram essa estúpida aggressão trouxeram-nos queixa, mostrando-nos ainda contusões na cabeça (DIÁRIO DA TARDE, 5 de julho de 1904, p. 1).

Além disso, não raro os pequenos abalavam a paz do mundo dos adultos, como quando o menor João Lino quebrou os vidros da casa do Dr. Evangelista jogando futebol em sua rua (A REPÚBLICA, 9 de novembro de 1916) ou quando o menor Genésio da Silva dirigiu palavras insultuosas a um transeunte na rua XV de novembro, sendo recolhido à cadeia civil (DIÁRIO DA TARDE, 4 de fevereiro de 1907, p. 2). Todavia, como os próprios jornais são a fonte dessas informações, é preciso ter um cuidado extra ao interpretá-las. Nos dois casos mencionados, o redator identifica o vendedor que deu azo à confusão, o que nem sempre acontecia (na maior parte das notícias, eles eram identificados somente como “menor vendedor de jornais” ou, quando muito, pelo primeiro nome). Adotando o ensinamento de GINZBURG (1989, p. 177), talvez esse seja um sinal, um indício, que permita lançar luz sobre uma realidade opaca.

No tabuleiro de xadrez curitibano, a linha de frente do jogo entre os jornais era formada pelos vendedores e, frequentemente, a participação deles nessa disputa ganhava destaque. A atuação dos pequenos tinha grande visibilidade e, sem dúvida, refletia na



reputação do jornal. Desse modo, ao noticiar o dano causado na residência do Dr. Evangelista, talvez A República quisesse denegrir a imagem do periódico para o qual João Lino (conhecido pelos moradores da região – outro talvez) trabalhava. Da mesma forma pode ter agido o Diário da Tarde, denunciando o vocabulário sujo do pequeno Genésio da Silva (familiar a todos os transeuntes da rua XV?).

Em outros momentos, essa utilização dos meninos na briga entre os jornais fica explícita, como aconteceu em junho de 1903. No segundo dia daquele mês, A República publicou uma nota tímida em sua segunda página, declarando que “contra os filhos de Pedro Guarapuava, tres terríveis garotos vendedores do ‘Diário da Tarde’, foi dada queixa no commissariado da 1ª circumscrição, por terem espancado outro menor, também vendedor de jornaes” (A REPÚBLICA, 2 de junho de 1903, p. 2). No dia seguinte, o Diário da Tarde tratou de publicar uma extensa declaração em sua primeira página desmentindo o concorrente:

A República, em sua edição de hontem, noticiando o espancamento de um menor pelos filhos de Pedro Tavares, conhecido como Guarapuavano, diz que aquellos famosos desordeiros são vendedores do Diário da Tarde.

Ha equivoco da parte dos nossos colegas.

E’ exacto que esses terríveis menores, tão tristemente conhecidos, vivem pelas ruas das redacções não para venderem jornaes, mas para espancarem e subtrahirem dinheiro e provocar as pessoas que passam.

E já que os pais desses noveis desordeiros absolutamente não se incommodam e preparam dessa arte seus filhos para o banditismo; já que não cessam os assaltos diarios aos meninos vendedores e as vaias aos transeuntes, pedimos que a policia com toda a energia ponha um paradeiro a essas vergonhosas scenas (DIÁRIO DA TARDE, 3 de junho de 1903, p. 1).

Se para os valores daquela sociedade que se pretendia moderna, higiênica e civilizada, a infância pobre constituía um problema ontológico, é certo que os tumultos protagonizados pelos vendedores de jornais revoltavam as autoridades e punham o aparato policial em ação. Porém, ao contrário dos outros meninos pobres, que não costumavam ter ninguém a favor deles, os pequenos vendedores tinham duas vantagens: o exercício de uma ocupação e o apoio da mídia – ao menos daquela para a qual trabalhavam. Em um desses conflitos, por exemplo, A República veio em defesa de seus funcionários, publicando uma longa matéria na primeira folha, censurando a atitude da Guarda Civil. O título da notícia é “Cuidam no que não é preciso. – Quanto ao mais, fica para amanhã”:

Ha dias uma inoffensiva gaitinha de bocca feria-lhes os ouvidos de tal forma que elles, não trepidando em ser arbitrarios, só para prender distinctos rapazes, commetteriam a mais atroz violencia, facto este bastante censurado pela imprensa.



Agora um outro facto que achamos injusto vem mostrar a leviandade dos “civis” desta terra: - todas as tardes, em frente á nossa redacção reúnem-se muitos vendedores de jornal á espera da tiragem da “República”. Ora, os pequenos são barulhentos, risonhos, palradores e não ha quem os faça calar a bocca. Demais elles não offendem a moral, não offendem a ninguém, dando azo apenas á sua alegria de “gavroches”.

Pois o guarda civil n. 35 entendeu de, no sabbado, fazel-os calar, ameaçando-os asperamente. Os pequenos, diante da ameaça, se escapuliram para dentro desta redacção, rindo e gritando e o “civil” entrou tambem, feroz, grosseiro, querendo prender (A REPÚBLICA, 21 de outubro de 1912, p. 1).

2.3. O enaltecimento dos pequenos

Seguramente, a imprensa estava auto interessada ao destacar a importância e a nobreza do ofício de vendedor de jornais. Para a República, por exemplo, que constantemente publicava uma nota dizendo estar precisando de vendedores, era vantajoso enaltecer o papel dos meninos. Com isso, poderia conseguir com que a família visse a função como algo positivo e a considerasse uma boa oportunidade de formação para seus filhos. Obteria um aumento na procura e quem sabe até teria chances de poder escolher somente as melhores crianças. Por isso narra, por exemplo, sobre como o novo presidente dos Estados Unidos, Warren Harding, exerceu o ofício de vendedor de jornais na juventude (A REPÚBLICA, 6 de novembro de 1920, p. 1) ou como outro desses pequenos tornou-se deputado na França, em notícia intitulada “Um vendedor de jornaes chega a ser deputado”:

Foi ha pouco tempo eleito deputado por Lille, França, diz uma gazeta carioca, um vendedor de jornaes – o cidadão Augusto Ragheboom.

[...]

Aqui mesmo em Coritiba existe quazi uma dezena de ex-vendedores de jornaes que hoje exercem cargos de mais ou menos destaque e não se acanham de confessar que, quando ainda risonhamente atravessavam a idade juvenil, se ocupavam daquelle nada deshonroso mistér, ajudando com os proventos que auferiam ás suas familias, não protegias pela fortuna, e conseguindo, simultaneamente, os imprecindiveis elementos para se educarem e, consequentemente, vencerem nas luctas asperrimas da vida (A REPÚBLICA, 6 de junho de 1914).

Mas a maior ode à infância dos jornais, sem dúvida, parte do Diário da Tarde. Em uma nova sessão denominada “Tópicos”, faz-se uma narrativa extremamente romântica da função, colocando os meninos como parte essencial ao funcionamento do periódico:

Por uma imposição natural, o topico de estréia deve ter relação com qualquer mola desse vasto e complicado machinismo que se chama – jornal.



Damos preferencia a uma das mais obscuras, conquanto das mais ruidosas e endiabradas: os meninos vendedores das folhas.

Já disse João Luzo que elles são tambem cellulas de um corpo cujo cerebro é a redacção. E disse bem. Poderia explicar melhor: elles são as pernas do jornal... Sem esses gavroches petulantes e que, parece, como Mercurio têm azas nos pés, o leitor que mora distante, que não possui creados, ficaria privado das novidades.

É de ver a rapidez relampagueante com que a gurizada se espalha até os ultimos recantos da urbs, mal se despeja, de roldão e aos berros, porta do Diário afóra. Cinco minutos depois, há vendedores no alto do cemiterio, no largo do antigo 13, na Bigorrilha, lá pelo Cajuru...

[...]

Esses meninos entram na vida por um acerbo tirocinio; sem grande esforço rhetorico poderiam ser chamados pequenos heróis, si não fossem tão endemoninhados (DIÁRIO DA TARDE, 28 de junho de 1911).

3. CONCLUSÃO

Talvez poucas personagens estivessem tão presentes no cotidiano da cidade naquele período quanto os meninos vendedores de jornal. A presença deles era constante no centro de Curitiba e se irradiava, a partir da sede das redações para todas as partes. Dessa que pode ser considerada uma primeira conclusão, despertam uma série de inquietações.

Todavia, não há uma ampla amostragem nem variedade de fontes para abordar a temática. Por esse motivo, essa é uma história cheia de “talvez”, com os quais, dentro do possível, busca-se extrair das fontes disponíveis – através de seus indícios – uma explicação verossímil, mas nunca certa (GINZBURG, 2002, p. 57-8). Para tantas outras perguntas, ainda não é possível estabelecer qualquer resposta que não seja meramente intuitiva.

Até o momento, não há como dizer de que maneira eram feitas essas contratações e por quanto tempo duravam. Também não houve como delimitar qual a faixa etária predominante nessa ocupação, embora possa-se pensar nessas questões comparando com outras formas de trabalho de crianças, como o operário. Outra questão a se pensar é no tempo necessário diariamente para que o menino cumprisse sua jornada. Ainda, como eram pagos? Por dia, semana, mês, por comissão? Os que tinham família recebiam diretamente ou através de seus responsáveis? O que faziam quando não estavam trabalhando? Tinham um segundo ofício? Estudavam? Outras tantas perguntas ainda poderiam ser feitas.

O mais importante, porém, talvez seja situar esses meninos em seu contexto. É preciso compreendê-los, primeiramente, como crianças. Se eram tratados como adultos, cumprindo uma jornada de trabalho diária, bebendo, fumando, andando por ruas escuras, não



deixavam de ser meninos. Tinham necessidade de brincar, de ter tempo livre, de descansar; necessidades frequentemente interditas.

Ainda, é preciso compreendê-las como pobres. Na Curitiba burguesa, que se queria moderna, europeia, orgulhosa de seu clima ameno e de sua gente de tez clara, com sua rua XV repleta de vida, de prédios novos, de homens de terno nos bondes, a infância malvestida e descalça era uma mancha na paisagem urbana, um obstáculo na marcha do progresso.

Mas esses pobres também precisavam ser vistos como trabalhadores. Se não por suas mãos sujas, de que maneira os homens importantes da cidade receberiam as notícias diárias? Em uma sociedade que cada vez mais valorizava o trabalho, esses meninos, inseridos nele desde cedo, encontravam não apenas um meio de se alimentar e ajudar em casa, mas uma forma de legitimar sua presença – tantas vezes incômoda – nas ruas.

O Diário da Tarde, ao exaltá-los, é certo em sua análise, ao dizer que poderiam ser chamados heróis, se não fossem tão endemoninhados. É nessa corda-bamba que a infância pobre se equilibra: entre futuro da pátria e problema social, entre braços fortes e desocupados, entre heróis e endiabrados.

4. FONTES

A REPÚBLICA, 2 de junho de 1903.

A REPÚBLICA, 21 de outubro de 1912.

A REPÚBLICA, 6 de junho de 1914.

A REPÚBLICA, 6 de novembro de 1920.

A REPÚBLICA, 9 de dezembro de 1908.

A REPÚBLICA, 9 de novembro de 1916.

DIÁRIO DA TARDE, 16 de agosto de 1900.

DIÁRIO DA TARDE, 28 de junho de 1911.

DIÁRIO DA TARDE, 3 de junho de 1903.

DIÁRIO DA TARDE, 30 de janeiro de 1901.

DIÁRIO DA TARDE, 4 de fevereiro de 1907.

DIÁRIO DA TARDE, 5 de julho de 1904.



RELATÓRIO do Chefe de Polícia da Corte apresentado á Assembléa Geral Legislativa na primeira sessão da décima oitava legislatura pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1882.

5. REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CHAGAS, Viktor. **Extra! Extra!** Os jornaleiros e as bancas de jornais como espaço de disputas pelo controle da distribuição da imprensa e da economia política dos meios. Tese (doutorado) – Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: 2013.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. São Paulo: Unicamp, 2001.

FRAGA FILHO, Walter. **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do Século XIX**. Salvador: Hucitec, 1996.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Relações de força: história, retórica, prova**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **A escolarização da criança brasileira no século XIX: apontamentos para uma re-escrita**. Revista Educação em Questão, Natal, v. 28, n. 14, p. 121-146, jan./jun. 2007.

LOPES PEREIRA, L. F. **O espetáculo dos maquinismos modernos: Curitiba na virada do século XIX ao XX**. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.

RIZZINI, Irma. O Elogio do Científico - A construção do "Menor" na prática Jurídica. In: RIZZINI, Irene. **A Criança no Brasil Hoje**. Rio de Janeiro: Univ. Santa Úrsula, 1993.

_____. Pequenos trabalhadores do Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 376-406.

SIMILLI, Ivana Guilherme. **Mulher e política: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945)**. São Paulo: Unesp, 2008.

TRINDADE, Judite Maria Barboza. **Metamorfose: de criança para menor: Curitiba - início do século XX**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 1998.

